

LITERATURA DE VIAGENS E A «ATUALIZAÇÃO» DO IMAGINÁRIO

Francisco Ferreira de Lima*

*Para Helder Macedo,
fino conhecedor de desconhecidos*

Finda a antiguidade clássica, findou-se também a saborosa harmonia entre prática religiosa e pesquisa científica, uma parceria que as autorizava, cada uma a seu modo, a ir em busca dos mistérios do mundo, sem que uma avançasse o domínio da outra. Com o fecho desses tempos, agora o dogma era o limite, e a Escolástica sua mais fiel servidora. O que coubesse nesse baú da nova felicidade era ali guardado, sob o manto diáfano do Cristianismo vitorioso; o que não coubesse tinha como destino um desmedido, sombrio e bolorento arquivo morto.

As mudanças foram gigantescas em todo e qualquer campo da atividade humana, mas a mais visível de todas – quanto mais não seja por sua própria especificidade – talvez tenha ocorrido na cartografia. Como se sabe, a pesquisa científica em geografia era das mais avançadas naqueles tempos. A *Geografia* de Ptolomeu, o último dos grandes sábios gregos, trazia um mapa-múndi que, além de aprimorar as redes de paralelos e meridianos já formuladas na Grécia, definia com rigor o contorno do mundo conhecido de então e avançava hipóteses atrevidas sobre as terras austrais ainda desconhecidas.

Ao longo – e ponha-se «longo» nisso – de boa parte da Idade Média, o mapa-múndi de Ptolomeu deu lugar ao mapa chamado T-O (*Orbis Terrarum*), produzidos na fase de decadência do Império Romano, sobretudo por Pompônio Mela, e divulgados por toda a Idade Média por Isidoro de Sevilha em suas *Etimologias*, a enciclopédia que melhor respondeu às inquietações daqueles tempos aflitos.

Nesses mapas, um grande oceano rodeava circularmente os três continentes conhecidos. Estes, por sua vez, eram divididos simetricamente por um T, formado na sua parte vertical pelo Mediterrâneo e na horizontal pelo encontro dos rios Nilo e Danúbio. Na parte superior, por sobre a haste horizontal, situava-se a Ásia. Na parte inferior, à esquerda, era a Europa e à direita, a África. Jerusalém era o centro desse mundo assim representado.

A oriente, isto é, no cimo do mundo, onde atualmente é o Norte, ficava o «paraíso terreal», a que nenhum homem vivo podia ter acesso, tais eram os perigos que se interpunham em seu caminho, como bem pôde «comprovar» Jean de Mandeville,

*Mestre em Literatura Portuguesa pela PUC/RJ, doutor em Literatura Portuguesa pela USP e pós-doutor pela University of London – King's College, é professor pleno de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual de Feira de Santana.

aquele intrépido andarilho que fez boa parte de suas viagens à roda de seu quarto, muito antes que Xavier de Maistre inventasse tão esquisita maneira de viajar.

O mundo do mapa T-O era plenamente povoado, sobretudo a parte da Ásia onde se localizava a Índia. Pompônio Mela, Plínio, o Velho, e depois Solino, e depois todos os que se lhes seguiram – a Idade Média utilizou plenamente o direito à recompilação – ali fizeram viver os mais espantosos seres e as mais incríveis maravilhas, que durante séculos aplacaram a sede do diverso e do imprevisível de uma Europa confinada religiosa e geograficamente, garantindo nessa alteridade radical sua unidade identitária. Conquanto sejam humanóides, estão sempre muito distantes do que se conhece por tipicamente – vale dizer, eurocentricamente – humano: são homens sem boca, os Astonei, frágeis, minúsculos e delicados seres que sobrevivem do cheiro de algumas plantas e têm vida curtíssima, não mais que vinte e quatro horas. Em oposição a eles, há os longevos comedores de cobras, que podem viver, por isso, até quatrocentos anos. Dentre todos esses seres bizarros, um dos mais simpáticos é o **ciópode**, um homenzinho de apenas um pé, mas que vale por dez, pois, além de ser capaz de correr com grande agilidade, em saltos de espantosos trinta metros cada, o utiliza como chapéu, para se proteger do sol escaldante. Há ainda os homens com cara e rabo de cão, os cinocéfalos, que ladram ao invés de falar, também muito populares. Há os que nascem brancos e tornam-se negros e vice-versa; os que só vivem oito anos. Aos blêmios, falta-lhes o pescoço, pois têm a cabeça localizada no peito. As orelhas imensas dos panotos, tal como no caso do ciópode, também servem para protegê-los de intempéries. Além desses, há muitas e muitas outras espécies, tantas que poderíamos gastar páginas e páginas a descrevê-las¹. Mas, só para mostrar como nossos fantasmas e fantasias não mudaram muito, vale a pena citar a descrição de Mandeville de um desses seres, tão longe e tão perto de nós, os andróginos:

E noutra ilha há pessoas que são homem e mulher juntos, e têm uma teta de um lado e nenhuma do outro e tem os membros de geração do homem e da mulher e usam aquele que lhes apraz, uma vez um e outra vez o outro; e engendram crianças quando fazem obra de macho e quando fazem obra de fêmea concebem crianças e emprenham.

Quanto à fartura e generosidade da terra, era tudo ainda mais espantoso, alimentando os sonhos de uma Europa pobre, castigada pelo rigor das estações, que sobrevivia com uma alimentação precária e monótona. A Índia é regida por apenas duas estações, inverno e verão, mas é verde e florida o ano inteiro; ouro e pedras preciosas podem ser encontrados em suas montanhas, a céu aberto, mas há perigos à espreita, dentre eles grifos e dragões, pois a aventura supõe excitação. Em Sumatra, não há propriedade coletiva: da terra às mulheres, tudo é de todos. E se o paraíso terreal, que faz correr de modo subterrâneo as primeiras partes dos quatro grandes rios que ali nascem, situa-se em algum lugar da Ásia,

assim também se dá com o inferno, que se localiza em algum lugar daquela região. E é praticamente interminável a lista de maravilhas.

Tão prestigiado quanto o mapa T-O era o «planisfério de zonas», dado a conhecer mais amplamente ao mundo por John Hollywood, que atendia em Portugal pela simpática tradução de João Sacrobosco, em seu *Tratado da Esfera*, vindo a público no século XIII. Tão importante que, em pleno século XVII, ainda funcionava como uma espécie de anexo dos guias náuticos ibéricos, mesmo depois de ter sido fragorosamente desmentido na prática no que diz respeito ao Equador.

Ali, expunha-se a ideia, que remonta aos gregos, de a terra ser composta por cinco zonas, duas frígidas, nos círculos polares, duas temperadas e uma tórrida – uma faixa de mar entre as duas zonas temperadas, que corresponderia vagamente à linha do Equador. Das cinco, só as temperadas podiam ser habitadas. Nas outras três, a vida seria impossível por excesso de frio nas primeiras e de calor na segunda.

Nessa última, dizia-se, tudo é tão quente que nenhuma forma de vida conseguiria aí manter-se viva. O mar é uma caldeira em ebulição. Era, pois, impossível atravessar tal zona. A morte certa era o galardão de quem se atrevesse a experimentar tão terrível travessia. Não era outra coisa que, segundo Zurara, revelavam os aterrorizados marinheiros portugueses, tentando a todo custo justificar a inutilidade da ultrapassagem do Cabo Bojador, suposta fronteira da zona tórrida:

– Como passaremos – dizem eles – os termos que puseram nossos padres, ou que proveito pode trazer ao Infante a perdição de nossas almas juntamente com os corpos, que conhecidamente seremos homicidas de nós mesmos? ²

E essa inutilidade era ampliada pela certeza de que, mesmo que se conseguisse ultrapassar a zona tórrida pela primeira vez, corria-se o risco de encontrar apenas a morte do outro lado, uma vez que aquela região devia ser povoada pelos mais estranhos e bizarros tipos jamais vistos, de peixes voadores a inimagináveis monstros marinhos. Só não encontrariam – disso estavam seguros – os seus iguais, posto ser impossível haver humanos do lado de baixo do Equador. E se houvesse, assim acreditou a Idade Média, não seriam Adamitas, os descendentes de Adão, que não tinham como ter atravessado tão quente fronteira. Os longos debates travados durante toda a Idade Média sobre se havia ou não habitantes naquela zona, dos quais não escapou nem mesmo Santo Agostinho, não foram capazes de produzir uma resposta taxativa.

Aliás, para que se tenha ideia de como é difícil chamar-se fantasia ao que ainda não o é, Colombo, que já viajava sob o horizonte conceitual da *Geografia* de Ptolomeu, não hesitou em acreditar que estava diante do paraíso terreal ao defrontar-se com o mundo de água doce que jorrava do Orenoco. E para que se

fique num exemplo português, Duarte Pacheco Pereira, aquele mesmo que inaugura um modo criterioso de olhar, relaciona ainda os cinocéfalos no seu *Esmeraldo de situ orbis*.

Mas era preciso ir ver ao vivo, em cores, e cada vez mais de perto. E foi o que a Europa renascentista decidiu fazer, Portugal à frente da corrida, entre a coragem e o medo. Diz Le Goff, com propriedade, que o homem da Idade Média não precisou olhar, porque lhe bastava ouvir e sobretudo acreditar³. Os portugueses, no limiar desses tempos, embora ouvindo, embora acreditando que tinham muito de medievais, decidiram por conta própria acrescentar o olhar ao serviço de Deus. Desde aí nem o homem, nem o mundo, nem Deus foram mais os mesmos.

Mas como ver o nunca antes visto? O novo em estado inaugural e, por isso, irreduzível estranhamento em si mesmo?

Ao defrontar uma paisagem nova, em caráter inaugural, ensina Francis Affergan (1987), o sujeito é tomado, ainda que não o queira, por uma sensação que o antropólogo francês chama de *cintilação do real*.

Como se sabe, o olho é só um elemento de um processo complexo de apreensão do real. Parte significativa desse complexo é o acervo de conceitos e imagens através do qual decodificamos os feixes de luz captados pelo olhar. E tal decodificação opera por um mecanismo de enquadramento do real observado, a que se impõe uma espécie de moldura, ou, como se diz hoje, um foco. Emoldurados, isto é, localizados, identificados e relativizados, aqueles feixes de luz transformam-se em conhecidos e familiares contornos do mundo. Tão automática é essa operação na vida cotidiana que sequer nos damos conta de sua complexidade – e se nos dessemos, em nada nos ajudaria.

Se é assim com a vida cotidiana, muito diferente o será na vida extraordinária, aquela vivida na ausência da rotina, aquela que precisa construir, a cada coisa vista, uma referência, base sem o que perdemos o nosso fundamental sentido de orientação no mundo, cuja consequência imediata é uma mistura de deslumbramento, desespero e desamparo, não necessariamente nessa ordem.

Cintilação do Real, como a quer Affergan, só pode ser vivida na sua intensidade numa *viagem primeira*, inauguradora, aquela em que o sujeito se acha frente a frente com um mundo irreduzível ao seu aparelho mental. Incapacitado por uma espécie de desconexão entre o olhar e seu repertório de conceitos e imagens, agora coisas alheias uma à outra, o sujeito já não consegue emoldurar o real observado. Este, agora, é só um excesso, uma desmedida. Desligado da tomada, o olhar transforma-se de ponta-de-lança em lança inteira, uma vez que não há respostas ao envio de suas mensagens. Acostumado a ser parte e agora sendo o todo, soberanamente autônomo, o olhar deleita-se ante o que vê, pois tudo que vê transforma-se numa festa de luz e cores, da qual está excluído o significado. Sem significado, ou seja, sem conexão com o aparelho mental, o mundo é luz, é cor, é brilho, é vertigem, é, numa palavra, *cintilação*.

Embora intensa e gostosamente vivida, é experiência curta, a da cintilação, que o poder onipresente do conceito, como os escoteiros, está sempre alerta. E é curta porque, sob seu efeito, o sujeito não pode julgar, não pode comparar. Daí o deslumbramento transformar-se em desamparo, e o desamparo em desespero, porque sem julgar, sem comparar, o sujeito perde seu principal traço de humanidade. Aliás, se quiséssemos uma dessas fórmulas que se pretendem sintéticas, tão ao gosto do senso comum, bem poderíamos dizer que *viver é julgar*.

E para julgar é preciso recortar, isto é, emoldurar o mundo, para, a partir daí, relativizar, localizar e identificar o *nosso lugar* nele, em oposição ao lugar do *outro*. Com o fim desse processo, que vai do deslumbramento à construção do contorno, a estranheza radical estará domada, assimilada, embora quase nunca compreendida. O sujeito está pronto, enfim, para, na bela e precisa formulação de Helder Macedo, «reconhecer o desconhecido».

Apresento a seguir três rápidos exemplos desse processo que vai do que chamo excesso de real à colocação de moldura, o que vale dizer, do deslumbramento ante o estranho irreduzível ao reconhecimento do desconhecido.

O primeiro é um estranho bicho visto por Fernão Mendes Pinto, em sua extraordinária *Peregrinação*. Trata-se de bicho muito esquisito, a começar pelo nome:

Vimos aquy tambem hu'a muyto nova maneyra, & estranha feyção de bichos, a que os naturaes da terra chamaõ Caquesseitão, do tamanho de hu'a grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com hu'a ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de hu'a penna de escrever, & com azas da feição das do morcego, co pescoço de cobra, & hu'a unha a modo de esporão de gallo na testa, co rabo muyto comprido pintado de verde & preto, como são os lagartos desta terra. Esses bichos de voo, a modo de salto, cação os bugios, & bichos por cima das aruores, dos quais se mantem. ⁴

Não é prática muito comum na *Peregrinação* o dar nome aos estranhos bichos encontrados por seu narrador ao longo de suas muitas viagens. O caquesseitão é um dos poucos. Nesse caso, especialmente, a atribuição do nome põe, todavia, um grande paradoxo: embora seja o único animal a ter um nome específico, é também o único a não ter especificidade⁵. É que sua estranheza é tão radical que ele só pode ser apreendido enquanto composição. Tem-se o nome, mas não se tem a coisa, uma vez que esta não pode ser apreendida em sua estranheza. É preciso, pois, construí-la, o que demanda um processo minucioso de descrição. Não custa retomá-lo: o bicho é do tamanho de uma *grande pata*, muito preto, *conchado pelas costas, com hu'a ordem de espinho pelo fio do lombo*; possui asas *da feição das do morcego e pescoço de cobra*; exibe uma unha na testa como se fosse o esporão de um galo e tem um rabo *muyto comprido pintado de verde & preto*, como de um lagarto. Se bem que possua nome, o bicho não se deixa ver; ou melhor, só se deixa ver *através de*. O resultado final é, mais que um bicho, um bicho-montagem, como uma dessas «instalações» da arte contemporânea ante as

quais a gente não sabe por onde começar a olhar. Tanto pormenor só pode ser resultado de um longo, curioso e devotado olhar que minuciosamente esquadrinha o objeto novo em busca de sua especificidade e se compraz ante a descoberta de que o que o caracteriza é a ausência mesma dessa especificidade.

E o maravilhamento aí decorre da possibilidade de o real – o real visto, não aquele de ouvir dizer daqueles distantes tempos medievais das viagens imóveis – poder juntar magicamente num todo o que antes só se poderia ver em separado. O real – é o que parece dizer seu afã descritivo – não é só espantoso na sua capacidade de produzir o diverso em quantidades infinitas, mas o é também na sua capacidade de fazê-lo qualitativamente, como se houvesse uma engenharia genética inerente ao seu processar-se, ainda que só seja possível acedê-lo por aproximação, por comparação.

O segundo exemplo é a descrição do tatu feita por Pero de Magalhães de Gândavo em sua *História da Província Santa Cruz a Que Vulgarmente Chamamos Brasil*.

Por sua estranheza, o tatu era um dos animais prediletos no imaginário europeu, já conhecido através de muitas gravuras. Gândavo, realista confesso, feroz perseguidor da objetividade, não consegue desvencilhar-se do excesso de real que a visão do tatu provoca. Sua descrição, à maneira de Mendes Pinto, com quem, diga-se, não tinha nada em comum, resulta num animal composto, um pouco ao modo desses jogos de montar um pretense ser humano perfeito a partir de membros de várias pessoas, cujo resultado é sempre um desastre. Ante a ausência completa de moldura, como se observa na introdução do seu texto, a única possibilidade é a comparação, por partes, do bicho:

Outros há também nestas partes muito para notar, diferentes de todos os outros animais (a meu juízo) que quantos até agora se tem visto. Chamam-lhes tatus e são quase tamanho como leitões, têm um casco como de cágado, o qual é repartido em muitas juntas, como lâminas, e arranjado de maneira que parece totalmente um cavalo armado. Tem um rabo comprido todo coberto do mesmo casco; o focinho é como de leitão, ainda que um tanto mais delgado, e não botam fora do casco mais que a cabeça. Tem as pernas curtas, e criam-se em covas como coelhos. A carne desses animais é a melhor e a mais estimada que há nesta terra e tem o sabor quase como de galinha.⁶

Observe-se que não há elementos mínimos por onde começar a descrição, como se declara nas três primeiras linhas do trecho citado. Para construir, pois, a imagem do tatu foi necessário compará-lo a cinco outros animais: o leitão (duas vezes), o cágado, o cavalo armado, o coelho e, por fim, a galinha. É de perguntar: de síntese tão esquisita, que imagem pode efetivamente ser produzida? É difícil a resposta. Mas o objetivo é alcançado, uma vez que o teor de estranheza é cercado pela quantidade de comparações possíveis. O resultado, ainda que improvável, é que, não sendo igual a nenhum daqueles animais em parti-

cular, o tatu é fronteiroço, em cada uma de suas partes, a cada um deles, devendo ser pensado como um mosaico, única maneira encontrada pelo narrador para circunscrever uma realidade deslumbradamente inapreensível.

E, por fim, a jiboia de Gabriel Soares de Sousa. Apresentador não só das grandezas do Brasil, como também de suas estranhezas, Soares de Sousa vai dedicar especial atenção ao mítico nativo, mais um diferencial a impressionar a impressionável mente europeia, ávida de ouro, prodígios e maravilhas do mundo real. As cobras – mais pelo que simbolizam – ocupam o primeiro lugar:

Comecemos logo a dizer das cobras a que os índios chamam jibóia, das quais há muitas de cinquenta e sessenta palmos de comprido, e daqui para baixo. Estas andam nos rios e lagoas, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não há dúvida senão que engolem uma anta inteira, e um índio; o que fazem porque não têm dentes, e entre os queixos lhes moem os ossos para os poderem engolir. E para matar uma anta ou um índio, ou qualquer caça, cingem-se com ela muito bem, e como tem segura a presa, buscam-lhe o sesto com a ponta do rabo, por onde o metem até que matam o que têm abarcado; e como tem morta a caça, moem-na entre os queixos para a poder melhor engolir. E como têm a anta, ou outra coisa grande que não podem digerir, empanturram de maneira que não podem andar. E como se sentem pesadas lançam-se ao sol como mortas, até que lhes apodrece a barriga, e o que tem nela; do que dá o fardo logo a uns pássaros que se chamam urubus, e dão sobre elas comendo-lhes a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre; e não lhes deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se os pássaros; e torna-lhes a crescer a carne nova, até ficar a cobra em sua perfeição; e assim como lhes vai crescendo a carne, começam a bulir com o rabo, e tornam a reviver, ficando como dantes; o que se tem por verdade, por ter tomado disto muitas informações dos índios e das línguas que andam por entre eles no sertão, os quais afirmam assim.⁷

Abstraída momentaneamente a autoria do texto, bem poderia concluir o leitor, outra vez, estar diante de uma página das mais atrevidas de Mendes Pinto, que provavelmente dava retoques finais a sua longa *Peregrinação* quando Soares de Sousa começava a tomar suas notas em terras da Bahia. Com efeito, a jiboia deste, em outros momentos rigoroso observador do mundo real, está mais próxima de bichos esquisitos como o caquesseitão ou o pussichucão, que Mendes Pinto diz ter encontrado em terras do Oriente, do que de bichos reais, tal o teor de estranheza nela investido.

Síntese dos medos e fantasias que a alteridade radical desse estranho mundo novo podia fazer supor, tudo nela aterroriza, a começar pelo tamanho descomunal, ante o que, o homem, bicho da terra tão pequeno, frágil e indefeso, é pura impotência. Senhora das águas e da terra, desfila soberana seu poder de aniquilamento, a marcar na consciência do homem a presença do agente de sua perdição, reavivando, na maneira escolhida para matar suas vítimas, a necessidade imperiosa da interdição sexual.

E tal presença, sorrateira, a deslizar no fundo das águas ou a esgueirar-se por entre as sombras da noite, durará enquanto durar a eternidade, visto sua capacidade de renascer a partir dos próprios ossos, exibição visível de seu caráter imortal, talvez o mais importante elemento constitutivo desse arquétipo. Porque, em última instância, é disto que trata Soares de Sousa: de um arquétipo, mais que de uma cobra real, uma vez que desta, infelizmente, Soares de Sousa não poderia dizer muito, pois pode atingir no máximo quatro metros de comprimento. E, embora se alimente de animais, seu alvo predileto são as aves e pequenos roedores. Como se vê, nada mais prosaico, sobretudo para aquele tempo de bichos grandes.

Mas não era de prosaísmo que queria tratar Soares de Sousa. Nem Gândavo. Nem Mendes Pinto. O que os movia era um incansável desejo de apreender um real que, para seu júbilo e desespero, só lhes aparecia como irrealidade.

Resumo: A literatura de viagens renascentista fez minguar boa parcela do imaginário medieval, ao substituir o *ouvir* pelo *ver*. E com isso renovou o imaginário europeu com novas e estranhas imagens do «mundo real», tão incrivelmente fantásticas quanto aquelas que se conheciam de ouvido. O texto apresentará rapidamente três dessas estranhas imagens na figura de três bichos muito esquisitos descritos por três atrevidos viajantes, a saber: o *caquesseitão*, por Fernão Mendes Pinto; o *tatu* por Pero de Magalhães de Gândavo e a *jiboia* por Gabriel Soares de Sousa.

Palavras-chaves: literatura de viagens; identidade; diferença.

Abstract: *Travel literature in Renaissance reduced a great deal of medieval imaginary when hearing substituted for seeing. In doing so, it renewed the European imaginary with new and unknown images from the «real world» so amazingly fantastic as those ones that were known from hearing about. The text will approach en passant three of these unknown images represented by three very odd animals described by three dared travelers, that is to say: the caquesseitão, by Fernão Mendes Pinto; the tatu by Pero de Magalhães de Gândavo and the jiboia by Gabriel Soares de Sousa.*

Keywords: *travel literature, identity, otherness.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Affergan, Francis. *Exotisme et alterité*. Paris: PUF, 1987.
- Hue, Sheila; Menegaz, Ronaldo (orgs.). *A Primeira História do Brasil – História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, de Pero de Magalhães de Gandavo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- Kappler, Claude. *Monstros, Demônios e Encantamentos no Final da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- Le Goff, Jacques. *Para Um Novo Conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.
- Lima, Francisco Ferreira de. *O Outro Livro das Maravilhas*. Rio de Janeiro/Salvador: Relume Dumará/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.
- Lima, Francisco Ferreira de. «Quando o olho não vê: Gabriel Soares de Sousa e a permanência do fantástico.» In: Duarte, Lélia Parreira (org.). *Encontros Prodigiosos*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- Pinto, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Lisboa: IN-CM, 1983.
- Sousa, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, col. Brasiliana, vol. 117, 1851/1987.
- Zurara, Gomes Eanes de. *Crónica de Guiné*. Barcelos: Civilização, 1973.

¹ Ao leitor interessado, sugiro uma visita a *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média* de Claude Kappler, um precioso levantamento desse universo de estranhas maravilhas. A referência completa está no fim do texto.

² Zuara, G. E. (1973), p. 49.

³ Le Goff, J. (1993), p. 266.

⁴ Pinto, F. M. (1983), p. 44.

⁵ Embora não tenha esse nome, o animal visto por Mendes Pinto é um morcego gigante que habita as florestas tropicais da Malásia, da Indonésia e da Austrália, popularmente conhecido pelos ingleses com o nome de *raposa voadora*.

⁶ Hue, S.; Menegaz, R. (2004), p. 95.

⁷ Sousa, G. S. de (1987), p. 258.